



XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

CONSÓRCIO DOUTORAL

ISSN 1983-6783

O GLOBAL E O LOCAL NA VIDA DO JOVEM RURAL NO EXTREMO OESTE CATARINENSE: “PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO”

José Fabiano de Paula, Balduino Antonio Andreola
Unilasalle-Canoas

Resumo

Este projeto tem como objetivo reconhecer a contribuição da educação para o êxodo rural no extremo oeste catarinense. Consta-se que as atuais políticas públicas, destinadas às Escolas do Campo, vêm sendo (re)construídas. Porém, não vem alcançando o êxito esperado.

Palavras-chave: Campo, Escola, Identidade

Área Temática: Educação

1. Introdução - Propósito central do trabalho

O tema do projeto é a Educação do Campo no extremo oeste catarinense e a sua contribuição para o êxodo rural na região. Com relação ao objetivo geral pretende-se compreender as causas que estimulam esse evento. No que se refere aos objetivos específicos ressalta-se analisar a percepção, através de preenchimento de formulários, dos sujeitos diretamente envolvidos: comunidade escolar, bem como propor, caso o tempo permita, a elaboração de uma Política Pública Educacional que vislumbre a permanência e êxito do estudante para além da sala de aula na área rural da Microrregião de São Miguel do Oeste. Tal temática e objetivos conduzem ao seguinte questionamento: Por que os jovens do campo não pretendem permanecer e administrar as pequenas e médias propriedades rurais? Dessa forma, sugere-se que a Educação do Campo exerça influência, de alguma maneira, na decisão de migrar para a área urbana ou buscar os grandes centros.

2. Marco Teórico

A velocidade da informação ou do conhecimento acaba por produzir uma fluidez que ultrapassa a capacidade humana de absorção, causando assim, para muitos uma frustração por não se conseguir acompanhar os avanços tecnológicos e as oportunidades geradas pela “Era da Informação”.

O poder monopolista tenta de todas as formas manter a sua influência sobre o espaço com a alegação que a globalização contribui para que o conhecimento chegue em todas as partes do mundo e, por que não, no ambiente rural.

Contudo, Harvey (2005) diz que “*não se deve ver a globalização como uma unidade indiferenciada, mas sim como uma padronização geograficamente articulada das atividades e das relações capitalistas globais*” (p. 231). Com isso, as iniciativas locais podem atingir esferas globais, porém tornam-se vítimas em potencial das configurações local/regional que a própria globalização exigirá desta escala de espaço reduzido, ameaçando assim, as especificidades culturais.

A práxis atual globalizada motiva um imaginário onde os grandes centros e as médias



XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

CONSÓRCIO DOUTORAL

ISSN 1983-6783

idades tornam-se os irradiadores de um saber que a comunidade rural incrustada no Extremo Oeste Catarinense acaba por não ter. Na elaboração do nosso arcabouço teórico-metodológico selecionamos alguns autores e suas obras que acreditamos que poderão nos guiar nesta empreitada.

No entanto, estamos sujeitos ao longo deste percurso a acrescentar mais trabalhos e retroalimentar os já existentes. Embora apresentem Geógrafos, Sociólogos, Historiadores, Engenheiros Agrônomos, Pedagogos, entre outros; somos conscientes que reflexões de Gestores/ Administradores, Economistas e Estatísticos também são bem-vindos a incorporar esta base por também terem a sua contribuição. Assim, comentaremos sobre alguns autores - os principais até o momento para nós - que se encontram nas referências bibliográficas deste projeto.

Por isso, iniciamos recordando a concepção de mundo técnico-científico-informacional, discutido por Milton Santos e que nos subsidia com sua farta obra, expondo as transformações ocorridas no espaço, bem como dos seus recortes em diferentes escalas quando analisados a partir do conceito de território (poder legitimado) e da paisagem (acúmulo desigual do tempo). A sua reflexão ampara-se nas diferentes percepções dentro da Geografia Crítica dos seus agentes acerca do local que ocupa. Sobre isso, ele comenta que: “Quando o homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar é a sede de uma vigorosa alienação” (p. 263).

Com isso, nossa pesquisa tenta enveredar pelas mentes e corações dos jovens buscando os seus reais sentimentos e não aqueles que acabam interferindo em suas decisões através dos diferentes mecanismos de homogeneização da sociedade rural.

Na perspectiva de Pierre Bourdieu (1989) as relações de poder em uma sociedade evidenciam-se, constando assim a força vertical que indivíduos, grupos e instituições podem exercer sobre determinados espaços, locais, regiões ou países. Somando-se a isso, a massificação de uma identidade híbrida que não autoriza estes jovens a assumir o seu pertencimento: rural, urbano ou urbano?

O sentimento é de insegurança, tanto para eles como para os pais, e, por isso há a necessidade de se explorar o termo identidade e suas especificidades. Nesta construção, Stuart Hall (2006) nos auxilia expondo as variações entre os diferentes lugares acerca da identidade. No nosso entendimento, seu livro possibilita traçar um paralelo das características básicas das comunidades rurais com os hábitos/ costumes particulares do cotidiano destes locais, associados ainda a sua formação cultural do ponto de vista sociológico.

A presente pesquisa compreende muitos pilares. Contudo, Marx e Engels (século XIX), embora pertencentes a outro contexto histórico, tornam-se atuais, através de suas obras, por contribuir no aprofundamento do (pré)conceito percebido e que, sugerimos a hipótese de que habita imageticamente esse tipo de pensamento na comunidade do Extremo Oeste Catarinense.

Referimo-nos a questão da divisão do trabalho entre manual e intelectual e da diferenciação entre campo e cidade: “O Capital” - Vol. I e II (1994-96), o “Manifesto Comunista” (2006) e a “Ideologia Alemã” (2006) são obras que deixam pistas sobre uma tese que compara urbano e rural desde tempos remotos, dos primeiros grupos tribais até a ascensão do mundo moderno com a industrialização desenfreada e a supremacia do primeiro sob o segundo.

Na área de educação, especificamente, temos Paulo Freire com “Extensão ou Comunicação?” (1988), livro escrito no Chile, durante o seu exílio, quando ele descreve a falta de diálogo horizontal e respeito dos extensionistas ou técnicos (engenheiros agrônomos) do governo para com os pequenos produtores rurais que, a partir do “conhecimento universitário” tentavam suprimir o “conhecimento empírico” do agricultor.

Além disso, “Pedagogia da Autonomia” (1996), do mesmo autor, também demonstra a importância de se escutar os sujeitos, proporcionando-lhes alteridade e respeito. Desse modo, recorda-se a valorização da comunicação e da troca de experiências entre o pesquisador e a comunidade de estudo.

A contribuição de Mario Alighiero Manacorda (1991) com a obra “Marx e a Pedagogia Moderna” suscita o tipo de educação pensada por Marx e contrária a burguesia. Tal obra ajuda a esclarecer o conceito de alienação e a necessidade da existência de uma mão de obra que se sujeitasse ao poder capitalista.



XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

CONSÓRCIO DOUTORAL

ISSN 1983-6783

No entendimento de que não se basta apenas a análise das entrevistas e, deve-se na medida do possível, incorporar outros tipos de informação, também averiguaremos os periódicos e material produzido pelos sindicatos ligados a agricultura da região, as suas participações através do ensino informal e não-formal. Para subsidiar a pesquisa neste campo utilizaremos Maria da Glória Gohn (1999) com seu livro “Educação não-formal e cultura política” para explicitar os termos diretamente relacionados.

Na parte de contextualização histórico-espacial encontramos as pesquisas de Adriano L. da Silva (2010) que retrata o conflito de terras na região desde a década de 80 até os dias atuais, tanto no rural (sem terra) como na urbana (sem teto). Muitos dos descendentes destas famílias são, no momento, o nosso alvo de estudo. Outro autor que realizou importante pesquisa sobre os ciclos econômicos na região foi o historiador Paulo Bavaresco (2005) com “Ciclos Econômicos Regionais: modernização e empobrecimento no Extremo Oeste catarinense”. Quanto às questões de gênero e de sucessão familiar, Valmir L. Stropasolas realizou um estudo na cidade de Ouro-SC com agricultores familiares sobre a perspectiva dos jovens no mundo rural.

A nossa proposta aproxima-se dos estudos de Stropasolas, porém enquanto ele enfatiza a questão econômica, casamento, agricultura familiar e o que os jovens pensam em fazer para mudarem de vida; a nossa proposta visa escutar os pais, os filhos e especialistas da área através de um diálogo horizontal em que a reflexão, o conhecimento e o interesse forneçam uma permuta de experiências que conduza à uma compreensão do mundo rural do extremo oeste catarinense associadas às pretensões para fortalecer identidades, mitigar o êxodo rural dos jovens e contribuir para a autoconstrução educacional de uma consciência coletiva de valorização de um grupo tão marginalizado pela sociedade.

A dissertação de Mestrado de Simone Bianchini (2010) também retrata uma realidade não distante de São Miguel do Oeste por construir um estudo sobre as propriedades familiares e seus sucessores em Paraíso-SC (município vizinho). Contudo, o seu trabalho não apresenta soluções para o problema, apenas acusa a sua existência e a tendência do desaparecimento das propriedades que deverão ser incorporadas pelos latifundiários locais.

A pesquisa possui uma farta bibliografia para revisão. Os documentos que serão incorporados também devem ser cuidadosamente interpretados já que se necessita ter uma consciência histórica sobre o contexto em que eles foram elaborados, porque “*como filho do seu tempo está dominado acriticamente pelos conceitos prévios e pelos preconceitos de seu próprio tempo*” (GADAMER, 1986, p. 577). Não podemos nos esquecer que também nos encontramos neste bojo.

Recomenda-se que não se configure como uma síntese de posições teóricas, um sim contenha posicionamento analítico de forma consistente e objetiva (fonte Arial – Fonte Tamanho 10 – espaço simples)

3. Metodologia

O método empregado é o Estruturalista que se caracteriza como um procedimento que analisa a realidade concreta dos diversos fenômenos. A comparação e a relação entre as experiências dos sujeitos sociais também é evidenciado. O emprego do livro de Lakatus e Marconi (2005) compõem uma fonte que orienta nosso estudo como uma proposta de pesquisa de “campo exploratória-descritiva combinados” que “*têm por objetivo descrever completamente determinado fenômeno, como, por exemplo, o estudo de um caso para o qual são realizadas análises empíricas e teóricas*” (p. 190).

A elaboração de um formulário se fará necessário para a realização das entrevistas com os agricultores, filhos e profissionais diretamente envolvidos com esse público. Assim a definimos com perguntas estruturadas “*em que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido; as perguntas feitas ao indivíduo são predeterminadas*” (LAKATUS; MARCONI, p. 199). Embora as entrevistas sejam semelhantes a questionários, empregaremos a técnica de formulário por sabermos que existe uma diferença entre eles, pois



XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

CONSÓRCIO DOUTORAL

ISSN 1983-6783

Os questionários são instrumentos de coleta de dados preenchidos pelos informantes sem a presença do pesquisador. Já os formulários correspondem a uma coleção de questões que são propostas e anotadas por um entrevistador, numa face a face com o entrevistado (ALEXANDRE, 2003, p. 67-8).

A forma de entrevista compreenderá esse processo com intuito de se encontrar mais informações além daquelas que a pergunta busca suprir. Como já tivemos uma experiência através das entrevistas do projeto PIBIC, percebe-se que quando perguntados ligam sempre o problema do êxodo rural, por exemplo, a questão econômica: falta de incentivos; porém quando se conversa informalmente recebe outras conotações, como fatores ligados a uma cultura que marginaliza e exclui as comunidades rurais.

Assim teremos que encontrar um modelo que eles, os agentes, se sintam “sujeitos da sua comunicação” para revelarem parte de suas sensações sem se deixarem mover pela desconfiança com o entrevistador que, porventura acabaria por prejudicar os resultados da pesquisa.

Com esses dados já coletados, possuímos um arquivo que nos auxiliará, segundo Mills (2009) no artesanato intelectual com planejamento, reelaboração, autocrítica e reconstrução, chegando assim em um resultado mais complexo. Nessa perspectiva, valoriza-se muito mais o processo do que os procedimentos.

Na formulação das questões para os agricultores e seus filhos poderá se utilizar o Manual de História Oral de José Meihy (1996) na organização das perguntas e dos objetivos a serem alcançados como também a técnica de gravação para rever após concluída a entrevista, alguns pontos que não foram anotados ou simplesmente tornaram-se esquecidos.

O formato da entrevista compreenderá uma primeira parte que será destinada ao preenchimento de perguntas fechadas com opções a serem marcadas (ANEXO A). Elas vão se referir a dados sócio-estatísticos gerais, como: idade, tipo de produção agropastoril, tipo de diversão, quantidade de pessoas que residem no mesmo núcleo familiar, renda mensal, gênero, estado civil, grau de escolaridade, origem étnica, tamanho da propriedade e profissão; caracterizando-se assim como uma pesquisa quantitativa. Já a segunda parte refere-se a perguntas em que os sujeitos poderão apresentar suas percepções acerca da educação no seu sentido amplo e a sua relação com o espaço rural, configurando então uma pesquisa qualitativa: o Sr.(a) tem acesso a rádio, televisão ou jornal? O Sr.(a) acha que os sindicatos apoiam o agricultor? Eles comentam algo sobre o agricultor? O que o Sr.(a) lembra que eles falam a respeito? Aqui na sua propriedade ou na sua família já houve pessoas que abandonaram o campo? Por que os jovens estão abandonando o campo? O Sr.(a) se sente valorizado como agricultor? Qual a diferença para o Sr.(a) entre o Campo e a Cidade? O que o Sr.(a) acha que deveria ser feito para diminuir o êxodo rural?

O conceito de pesquisa qualitativa que é um dos indicadores do projeto precisa ter claro o seu significado. Por isso, concordamos com Strauss e Corbin (2008) que afirmam:

Com o termo ‘pesquisa qualitativa’ queremos dizer qualquer tipo de pesquisa que produza resultados não alcançados através de procedimentos estatísticos ou de outros meios de quantificação. Pode se referir à pesquisa sobre a vida das pessoas, experiências vividas, comportamentos, emoções e sentimentos, e também à pesquisa sobre funcionamento organizacional, movimentos sociais, fenômenos culturais e interação entre nações. Alguns dados podem ser quantificados, como no caso do censo ou de informações históricas sobre pessoas ou objetos estudados, mas o grosso da análise é interpretativa (p. 23).

Portanto, constituiremos uma pesquisa quanti-qualitativa em que no primeiro momento nos utilizaremos dos dados para a elaboração de gráficos e tabelas e, no segundo momento na



XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

CONSÓRCIO DOUTORAL

ISSN 1983-6783

análise de conteúdo das respostas fornecidas pelos sujeitos. Com isso, o primeiro subsidiará o segundo.

Contudo, devemos estar atentos quando estudamos estes dois tipos de dados em conjunto, pois segundo Alves (1991): “*é necessário lembrar, ainda, que, quando dados quantitativos são usados para complementar os qualitativos, o tratamento dado a cada um deles deve ser descrito separadamente*” (p. 61). Tal ação visa deixar o leitor ciente sobre o tipo de informação, bem como se toma cuidado para não vulgarizar metodologicamente o trabalho a ser realizado.

Assim a triangulação (cfe. Alves, 1991) desses dados se constituirão com a comparação das diferentes fontes obtidas, métodos, pesquisadores e teorias a fim de orientar um estudo que venha a ser convincente e que ofereça uma resposta ao problema levantado sobre a relação entre educação e êxodo rural no Extremo Oeste de Santa Catarina.

Diante da consolidação de um alicerce teórico-metodológico que perambule por conceitos de espaço, território, identidade, contexto local e globalização, ensino formal, não formal e informal, êxodo rural, relações de poder, horizontalidades X verticalidades e, demais bibliografias que serão incorporadas a esta base, também escutaremos a percepção local dos agricultores e seus filhos para concebermos um diagnóstico mais próximo da realidade que ocupa esta macrorregião.

Em seguida, através da base de dados coletados com as entrevistas orais direcionadas e já realizadas em parte às famílias rurais¹, propõem-se uma discussão deste imaginário que transforma-se em realidade. Também, autoridades como: líderes comunitários, Engenheiros Agrônomos, Padres/ Pastores; Representantes de Órgãos Públicos, de Cooperativas e Sindicatos serão escutados a fim de contribuir em nesta construção que vai muito além do econômico.

Com os dados consolidados e discutidos, passa-se a um conjunto de atributos que resultarão em uma intervenção que permeará o campo social-cultural-econômico destas comunidades rurais. A pesquisa em si, preocupa-se não somente em expor um problema local que não vem sendo resolvido pelas políticas públicas governamentais, mas sim em apontar possíveis soluções para a problemática da evasão juvenil do campo via aos diferentes tipos de educação.

Referências

- ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do Capitalismo Agrário em Questão**. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 1998. (série estudos rurais)
- ALVES, Alda Judith. O planejamento de pesquisas qualitativas em Educação. In: **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n. 77, p. 53-61, mai. 1991.
- ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989. (tradução: Lólio Lourenço de Oliveira)
- ANDREOLA, Balduino Antonio. O Rural e o Urbano: experiências solidárias no campo da educação. In: **Cadernos de Educação**. Pelotas, v. 1, n. 24, p. 57-73, jan/jun. 2005.
- _____. Por uma pedagogia das grandes urgências planetárias. In: **Educação**. Santa Maria, v. 36, n. 2, p. 313-330, maio/ago. 2011.
- BAVARESCO, Paulo. **Ciclos Econômicos Regionais: modernização e empobrecimento no Extremo Oeste catarinense**. Chapecó: Argos, 2005.
- BIANCHINI, Simone. **O futuro das propriedades familiares sem sucessores: o caso do município de Paraíso/ SC**. Pelotas: UFPEL, 2010. (Dissertação de Mestrado)
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. 7. ed. Campinas: papyrus, 1996.

¹Com a submissão de um projeto de pesquisa CNPq PIBIC-EM, conseguimos três bolsistas para auxiliar na intervenção via entrevistas nas comunidades rurais ao longo do ano de 2013. Destaca-se que conseguimos angariar a soma de 60 entrevistas, entre agricultores, jovens (filhos) e autoridades. Sendo que esses últimos conhecem e trabalham sobre o assunto. Neste estudo percorremos algumas comunidades rurais, percebendo os diferentes tipos de desenvolvimento social-cultural que cada local possui. Nota-se que as propriedades encontram-se nas mãos de uma geração sem sucessão.



XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

CONSÓRCIO DOUTORAL

ISSN 1983-6783

- CARDOSO, Ciro Flamarion; BRIGNOLI, Héctor Pérez. **História Econômica da América Latina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- COSTA, Rogério Haesbaert. **Latifúndio e identidade regional**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- ELIAS, NORBERT. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. (tradução: Vera Ribeiro)
- DUARTE, V. P. **Construindo a Escola na Roça**. Francisco Beltrão: Assessorar, 1996.
- EAGLETON, Terry. **Marx e a Liberdade**. São Paulo: UNESP, 1999. (tradução: Marcos B. de Oliveira).
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: formação do Estado e Civilização**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. (tradução: Ruy Jungmann)
- _____. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. (tradução: Ruy Jungmann)
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1988.
- _____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política**. São Paulo: Cortez, 1999. (coleção questões da nossa época)
- GUIBERNAU, Montserrat. **Nacionalismos: o estado nacional e o nacionalismo no século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. (tradução: Mauro Gama/ Cláudia Martinelli Gama)
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. (tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro)
- HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005. (tradução: Carlos Szlak)
- MANACORDA, Mario Alighiero. **Marx e a Pedagogia Moderna**. São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 1991. (tradução: Newton Ramos-de-Oliveira)
- MARROU, Henri-Irenée. **Sobre o conhecimento histórico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. (tradução Roberto Cortes de Lacerda)
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã. Feuerbach - A contraposição entre as comovisões materialista e idealista**. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- _____. **Manifesto do Partido Comunista**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2006. (tradução: Sueli Tomazini Barros Cassal)
- _____. **O Capital: crítica da economia política – o processo de produção do capital - Vol. I**. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 1994. (tradução: Reginaldo Sant'Anna)
- _____. **O Capital: crítica da economia política – o processo de produção do capital - Vol. II**. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 1996. (tradução: Reginaldo Sant'Anna)
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1996.
- MILLS, C. Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. (tradução: Maria Luiza X. de A. Borges)
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: USP, 2009.
- _____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- STROPASOLAS, Valmir Luiz. **O mundo rural no horizonte dos jovens**. Florianópolis, UFSC, 2006.
- SUERTEGARAY, Dirce. M. A.; BASSO, Luís A.; VERDUM, Roberto (Org.). **Ambiente e lugar no urbano – A grande Porto Alegre**. Porto Alegre: UFRGS, 2000.
- SILVA, Adriano Larentes da. **Fazendo cidade: memória e urbanização no extremo oeste catarinense**. Chapecó: Argos, 2010.
- STRAUSS, Anselm; CORBIN, Anselm. **Pesquisa Qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. 2. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2008. (tradução: Luciane de Oliveira da Rocha)